

O ódio aos nordestinos e as identidades neofascistas brasileiras no *white rock* (1990-2010)

Pedro Carvalho Oliveira¹

Resumo: O presente trabalho propõe uma breve reflexão sobre a presença dos neofascismos entre os anos de 1990 e 2010 no Brasil, a partir de uma análise do *White Rock* (ou “Rock Branco”), subgênero musical disseminador de ideais fascistas e de intolerância ao outro. Esta pesquisa terá como foco os discursos de ódio proferidos por bandas do Sul e Sudeste contra os nordestinos, vistos como ameaças à economia e à homogeneidade cultural e racial daquelas regiões, levantando questionamentos a respeito da formação identitária destes grupos.

Palavras-chave: *White Rock*; fascismos; intolerância.

White Rock: Musical Registers of Brazilian Neofascism and the Intolerance Against Northeasterns (1990-2010)

Abstract: This paper proposes a brief reflection on the presence of neofascism between the years 1990 and 2010 in Brazil, from an analysis of the *White Rock*, musical subgenre disseminator of fascist ideals and intolerance. This research will focus on hate speech uttered by bands from South and Southeast against Northeastern people, seen as threats to the economy, cultural and racial homogeneity of these regions, raising questions about the identity formation of these groups.

Key words: *White Rock*; fascisms; intolerance.

Artigo recebido em 20/05/2014 e aceito em 29/05/2014.

Introdução

Na noite de sexta-feira, 20 de agosto de 1999, um incêndio destruiu a secretaria da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O fogo teria se alastrado pelo local com a ajuda de gasolina, queimando computadores, arquivos e documentos. Além disto, foram encontradas pichações com suásticas nazistas e dizeres como “Morte aos judeus, negros e gays” e “Vida à nação ariana”.^{II} Se pensarmos que mais de 60 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial ainda existem adeptos de ideologias fascistas, teremos em vista uma rica possibilidade de debate. Mesmo após mais de seis décadas, é possível encontrarmos jovens de diferentes gerações do pós-guerra em diferentes países do mundo, evocando a figura de Adolf Hitler, mesmo conhecendo seus crimes. Por quê?^{III}

No Brasil, crimes envolvendo motivações fascistas ocorreram com frequência nos últimos anos. Entre estes casos, nos chama a atenção ocorrências envolvendo agressões de skinheads fascistas aos nordestinos, nas regiões Sul e Sudeste. Em 24 de setembro de 1992, seis deles invadiram o Centro de Tradições Nordestinas em São Paulo, dispararam tiros e picharam os muros do local com suásticas e, como ocorreria anos depois na UFPE, dizeres ofensivos.^{IV} Mais recentemente, em 2011, no Metrô Paraíso, região da Avenida Paulista em São Paulo, skinheads fascistas agrediram quatro pessoas, bradando que “negros e nordestinos iriam morrer”.^V

Os primeiros skinheads surgiram no Brasil por volta de 1981, em São Paulo, inspirados na subcultura inglesa.^{VI} Aos poucos, os movimentos cresceram e migraram de ideologias ultranacionalistas para declaradamente fascistas. Seus integrantes possuíam uma vestimenta específica, um comportamento próprio e um tipo de música funcional às suas pretensões. Esta passou a ser chamada de *hate music* (“música de ódio”), cujos discursos intolerantes, mesclados a uma sonoridade agressiva, resultaram nesta trilha sonora para a violência.

O *White Rock* é uma das vertentes da *hate music*. Ele é formado por bandas skinheads de extrema-direita que aliam o pensamento e práticas fascistas e supremacistas ao rock. Embora tenha sido criado na Europa no final dos anos 1970, o subgênero ganhou o mundo nas décadas seguintes. No Brasil, ele assumiu uma cara própria, voltada ao contexto do país e exerceu a propaganda de ideias radicais como a adesão ao Nacional-Socialismo.

Trata-se de um gênero musical de rápida execução, com músicas curtas, que na maioria das vezes são produções caseiras, de baixo custo e gravações ruidosas. A agressividade do som é consoante às letras, que ditam ideais fascistas e, na grande maioria das vezes, incentivam a intolerância aos que não compactuam com estes pensamentos ou, simplesmente, não se encaixam no ideal de sociedade que almejam.

O Sul e Sudeste do Brasil possuíam bandas que compuseram críticas severas e agressivas aos nordestinos, característica própria dos movimentos locais. O Nordeste, ilustrado como atrasado e pobre, econômica e culturalmente, foi alvo preferencial dos discursos sonoros fascistas. Como estas bandas e os agrupamentos a que pertencem enxergaram os nordestinos e por que esta intolerância existe?

Na tentativa de respondermos a estas questões, usaremos como documentos músicas dos repertórios de algumas bandas de expressão no cenário musical fascista brasileiro, como as porto-alegrenses “Bandeira de Combate” e “Corrosão”, e a paulistana “Brigada NS”. Por meio delas será possível compreender a elaboração

identitária destas bandas e de seus consumidores, a fim de perceber a base do ódio ao nordestino, seu “Outro conveniente”. As bandas, formadas entre a primeira metade dos anos 1990 e o final dos anos 2000, atuaram em contextos políticos marcados por diferentes gestões.

Os processos de ressurgimento dos fascismos exigem um olhar histórico cuidadoso, independente de sua distância temporal. A infiltração de movimentos da extrema-direita entre os skinheads ingleses, provocando sua cisão num determinado contexto e a aproximação deste fenômeno de jovens fascistas com o Brasil, data de um período entre 1978 e 1988.^{VII} Como “a própria ideia de que o passado, enquanto tal, possa ser objeto da ciência é absurda”^{VIII}, este processo é passivo de ser cuidadosamente investigado pelo historiador.

A história do tempo presente, direcionada a fatos cuja proximidade temporal com o historiador é grande, pode ser problemática e inacabada, quando se necessita de uma gama consistente de informações que podem surgir somente com o passar dos anos e de novas contribuições. No entanto, esta análise não deve ser percebida como algo impossível. Tendo em vista a compreensão de fenômenos como este, atualmente, a história política vem ganhando vigor dentro dos debates sobre as sociedades contemporâneas.

Assim, este trabalho apresentará um breve estudo sobre a visão dos skinheads a respeito do Nordeste e dos nordestinos, dentro da conjuntura apresentada nas duas últimas décadas. Com isto, tentaremos tornar possível a compreensão da formação identitária destes grupos enquanto supostos defensores de regiões específicas e suas culturas, percebendo este processo como uma ação política.

As reflexões apresentadas aqui são resultado de uma pesquisa mais ampla, realizada pelo autor enquanto integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/CNPq), da Universidade Federal de Sergipe, buscando, neste artigo, dar atenção específica a questões próprias do universo fascista brasileiro ativo durante as duas últimas décadas.

Estereótipos nordestinos: na mira dos supremacistas do Sul

As sátiras aos nordestinos circulam vigorosamente em músicas que nem mesmo estão associadas à *hate music*. Este tipo de sátira, evocada por alguns músicos como homenagem, mas dotadas de preconceitos, não impediram que algumas bandas alcançassem grande sucesso midiático, embora tenham realizado estereótipos e críticas fortes, intencionalmente ou não, aos nordestinos. O público, na maioria das vezes, não se convence da existência destes preconceitos. Isto ocorre graças a um conjunto de discursos, elaborados em diferentes âmbitos das comunicações e das artes, onde se encontram estratégias de estereotipização aceitas pelo público. E, nestes casos, “o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste como foi nordestinizado”.^{IX}

As bandas do *White Rock*, por sua vez, são diretas: elevam ao status de apologia os discursos de ódio que empregam. Os gaúchos da banda “Comando Blindado”, na música “Na cidade onde eu nasci” (2006), apontaram os nordestinos como:

Gente suja, subraças
Povos que não são daqui

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

Não tenho liberdade
Não tenho segurança
O céu já não é azul
As crianças não são mais brancas

Desta forma, associam a violência e a falta de liberdade à presença dos imigrantes nordestinos que, além disso, são responsáveis pela mistura entre raças, algo inaceitável para os seus músicos. Desde antes de chegar ao poder na Alemanha, Adolf Hitler percebia, com repulsa, “a presença dos que não são alemães (húngaros, tchecos, eslovenos), que ameaçam o domínio da raça alemã”.^X Para os fascistas do Sul do Brasil, identificados com uma genealogia herdada dos colonizadores europeus (italianos e mesmo alemães), os nordestinos são parasitas. A necessidade de estabelecer ligações genealógicas com os povos da Europa reforçam a proximidade com o que consideram berço da raça branca, sobretudo se pensarmos que boa parte dos estados do Sul tiveram influências alemãs e italianas.

As bandas do Sul, bem como seus ouvintes, enxergam nos nordestinos vícios que não seriam características dos povos sulistas, portando, acreditam, devem ser combatidos. Como é dito por Peter Gay, “seja nação, província ou cidade, seja região, classe ou cultura – quanto maior o amor por si mesmo, maior o direito de odiar o Outro”.^{XI} Este suposto direito é enfatizado no *White Rock*, através de um exercício contínuo para justificar suas letras, que procuram desumanizar o sujeito “diferente” para que apliquem a ele as mais nefastas formas de agressões verbais ou físicas. O não-sulista seria um corpo estranho, algo que não pertence, capaz de intervir apenas de forma negativa na cultura e na identidade daquele povo, presente na região para onde migra. Um pensamento xenófobo que vai além dos problemas socioeconômicos, mas que envolve debates racistas e discriminatórios.

Neste caso, nega-se “o Outro como verdadeiro humano para poder excluí-lo, causar-lhe mal, destruí-lo”.^{XII} Se na Alemanha nazista aceitava-se a destruição do outro, dos não-alemães, a regra é seguida à risca pela ideologia fascista das bandas de *White Rock* brasileiras. A existência de movimentos como o “O Sul é o Meu País” apresentam uma considerável demanda pela independência desta região. Um dos discursos que buscam dar legitimidade ao movimento, é o de que o Sul é não apenas economicamente, mas cultural e racialmente oposto ao restante do Brasil.

Neste sentido, devemos observar a complexidade dos movimentos skinheads no Brasil no que diz respeito às visões do que é ser brasileiro. Por um lado, há grupos que evocam as misturas raciais, em clara referência ao Integralismo, como única matriz da sociedade brasileira, mas sem necessariamente excluir elementos fascistas em seus discursos: o autoritarismo, o militarismo, o anti socialismo, o nacionalismo e a unificação da nação através de um Estado autoritário.^{XIII} Em outros casos, como ocorre de maneira comum no Sul, o Brasil é aquele que circunda os grupos, onde há uma massiva presença de culturas europeias. No limite entre estes dois cenários, existe a adesão completa ao separatismo.

No caso das bandas analisadas aqui, elas assimilam o discurso da violência racial, pois ele é aceitável dentro da gênese fascista, sobretudo a nazista, onde milhões de não-alemães foram assassinados. A consciência equivocada de que a herança alemã dá aval a um comportamento diferente, guiado por uma gênese e uma cultura distinta, é também utilizada como justificativa para adesão a ideias fascistas. A apropriação dos discursos parece ser feita com uma autoridade histórica, algo que pertence apenas a aqueles que descendem do Velho Mundo.

PEDRO CARVALHO OLIVEIRA

O perfil de nação ideal eleito por estas bandas limita a participação de alguns indivíduos e exclui outros por completo. Nada muito diferente do que fora feito na Itália de Mussolini, ou na Alemanha de Hitler. A construção histórica oferecida por estas bandas dialoga diretamente com o passado para tentar justificar suas ações no presente. Haja a vista a difusão dela, por meio da música, buscando uma consequente adesão de novas pessoas, temos em mãos uma ação política articulada.

Visões de uma nação branca

O pertencimento é, sem dúvida, uma busca característica entre os skinheads fascistas não só do Brasil. Para estes, trata-se de uma luta pela identidade, igualando seus pares e distinguindo com minúcia os opostos. A luta, muitas vezes levada à cabo em atos de violência física nas ruas, é contra estes “externos”, como vemos na música “Nova Nação” (2009), da banda porto-alegrense “Corrosão”:

Os anos passam
Vamos perdendo identidade
São muitas culturas
Que invadem nossa cidade
Lutaremos pelos sulistas
Por nossas grandes riquezas
Por nossas grandes conquistas

A música nos mostra um exemplo de como a nação foi vista por esta banda não apenas como uma identidade política, mas algo que produziu sentidos, um sistema de representação cultural a ser defendido.^{XIV} Neste caso, se necessário, com a violência. As “músicas de ódio” servem como um meio de comunicação entre os músicos e sua plateia, buscando incentivar a adesão, garantir a difusão do seu pensamento e, enfim, violentar seus inimigos. Aqui, ela ressalta os valores de uma região com a qual muitos podem se identificar.

No fascismo clássico esta ênfase na identidade histórica de um grupo também já existia. Na Itália, “chegaram a se entusiasmar com a ideia de serem os herdeiros do antigo império romano, de César e de Augusto, e de ajudarem a relançar as bases da grandeza italiana no mundo”.^{XV} No passado recente do Brasil, os sulistas orgulham-se da herança europeia, capaz de, segundo creem, dar-lhes legítima cultura e etnia ariana, em consonância com a idealização nazista, por exemplo. Não é necessário, porém, que haja qualquer ligação direta com elementos europeus para que ideias como estas sejam reproduzidas. O que vemos é a capacidade de adaptação de uma ideologia considerada morta em 1945, independentemente de um contexto.

Devemos perceber que a banda “Corrosão” não menciona os porto-alegrenses, os rio-grandenses, mas sim os sulistas como se fossem parte de um grupo só e partilhassem de uma mesma cultura. Esta cultura lhes reservaria riquezas próprias – prontas para serem solapadas por outros grupos, como os nordestinos – e uma identidade específica. Só afastando os não-sulistas seriam capazes de manter estes bens. Assim é formada a identidade destas bandas: para afirmarem-na, necessitam defendê-la por meio da destruição do “Outro”, ainda que este não deseje sua destruição.

O Sul seria, então, a idealização de uma espécie de nação branca, dotada de padrões identitários em comum com a Europa. Mais uma vez esta ligação se faz presente como fundamental para a legitimação desta identidade. A ideia é diferenciar,

ou simplesmente unificar aqueles que, segundo creem, estão localizados num patamar superior. Esta localização, no entanto, é feita por aqueles que se envolvem em movimentos políticos como os deste tipo.

Se os “movimentos nacionalistas característicos dos anos finais do século XX são essencialmente negativos, ou melhor, separatistas”^{XVI}, é natural que os grupos fascistas do Sul encarem sua região enquanto algo distinto, que deve ser mantido à distância das culturas e identidades que consideram inferiores. Assim, pesa em seus discursos o chauvinismo típico dos fascismos, sejam eles do passado ou do presente. A aliança em defesa do Sul seria, assim, uma aliança contra indivíduos de outras regiões, sobretudo a partir do momento em que estes tentam adentrar às suas. Porém, este tipo de discurso não necessariamente está restrito aos skinheads fascistas.

Lembremos do ocorrido em 2013, quando o advogado paranaense Gustavo Zanelli mencionou em uma rede social que seria capaz de iniciar uma guerra para separar o Nordeste do restante do Brasil. Criticou os nordestinos, a sua cultura e seus costumes, reforçando os valores do Sul e Sudeste, a fim de justificar um contraste social que seria responsável pela decadência do país.^{XVII} Até onde se sabe, Zanelli não é um skinhead e tampouco ouve *White Rock* nas horas vagas. A presença destes discursos na sociedade civil marca a existência de uma demanda. Havendo isto, este tipo de música acaba tendo aceitação, ainda que entre um público muito restrito.

Não podemos garantir que as músicas são a causa da violência aos nordestinos, mas elas lhe dão legitimidade. Será possível que as letras do *White Rock* e o fato não possuam qualquer ligação? E quanto aos fascistas de São Paulo, onde o crime ocorreu? Vejamos adiante.

Brigada do ódio

A 20 de abril de 1993, um skinhead de 16 anos teria matado a chutes de coturno na cabeça um jovem morador de rua. Em seu depoimento, o adolescente disse estava “limpando a cidade” dos drogados, negros e nordestinos.^{XVIII} A ideia de “limpar a cidade” é compartilhada e não surgiu na mente deste menor de idade espontaneamente. Alguns anos depois, mas antes do episódio no metrô paraíso, a banda “Brigada NS” (as letras “NS” são uma sigla para Nacional-Socialismo) lançava a música “Migração” (2001), onde ouvimos:

Dia após dia
Migrando do Nordeste
Centenas de imundos
Que são uma grande peste

Se os fascistas brasileiros, a exemplo dos compositores desta música e do jovem de 16 anos citado acima, entendem que os nordestinos são “imundos”, a ideia de “limpeza” pressupõe ações como as praticadas nas notícias acima. Violentar e matar nordestinos é uma prática incentivado por seus pares como algo benéfico para suas sociedades, onde a presença daqueles é considerada uma ameaça. Na Inglaterra dos anos 1960, alguns skinheads – ainda que distantes de qualquer tipo de organização fascista – criticavam a presença dos paquistaneses por estes servirem como mão-de-obra barata, substituindo os ingleses em diferentes tipos de trabalho.^{XIX} Aos nordestinos (muito estereotipados como “retirantes”) estas acusações também ocorrem.

Na música, o nordestino é visto não apenas como um inimigo, um rival na busca por trabalho, mas ele sequer é mostrado como um ser humano, e sim como uma peste, algo nocivo. A peste é algo a ser exterminado. Uma praga que, ao ser disseminada, causa estragos e deve ser combatida. A analogia dos fascistas se refere à “contaminação” causada pela presença de um grupo social cuja cultura não corresponde ao ideal por eles estabelecido. A praga destrói aquilo que é fruto do trabalho e que serviria para alcançar riquezas. Ela põe a perder o esforço de um grupo de pessoas, empenhadas em se alimentar e alimentar seus iguais. Os nordestinos são assim expostos.

Novamente, reforçamos: as músicas são um produto da sociedade e não existem isoladas de seus agentes. A intolerância aos nordestinos não é uma regra entre os habitantes do Sul e Sudeste do Brasil, mas sua existência entre alguns grupos propõe questionamentos. O caso Mayara Petruso nos mostra isto: em 2010, esta estudante paulista sugeriu em sua página do Twitter matar nordestinos como um “favor” a São Paulo, uma vez que a presidente Dilma Rousseff foi eleita com uma significativa quantidade de votos no Nordeste.^{XX} A vitória da esquerda é repudiada pela direita. Mayara e os skinheads da “Brigada NS” não pensam de maneira tão diferente.

Em São Paulo, ao contrário do Rio Grande do Sul, a noção de nação tem sua escala reduzida. Não há uma preocupação – ao menos não neste caso – com o Sudeste enquanto região a ser defendida, mas apenas um estado. Neste sentido, é grande a influência da situação econômica que São Paulo possui para o Brasil. Enquanto permeada pela aura de maior centro comercial do país, é almejada por cidadãos de todas as partes, incluindo os nordestinos. Assim sendo, é comum a atribuição de crises locais à presença daqueles que não partilham daquela identidade. Na Alemanha nazista, os judeus foram explorados desta maneira; no Brasil de hoje, tornou-se conveniente personificar nos nordestinos uma carga de culpa por qualquer problema social pelo qual o estado venha a passar.

A identidade aqui passa pela lógica que percebe São Paulo enquanto centro do país, locomotiva econômica responsável pelo progresso brasileiro. Ser paulista seria, então, ter legitimidade para desfrutar disto sem interferência de indivíduos externos. Ao passo em que isto ocorre, a violência é empreendida como uma forma de defesa, sendo esta em favor de interesses fascistas que não necessariamente são apoiados pela sociedade que imaginam preservar.

Considerações finais

As mudanças políticas ocorridas no Brasil entre os anos de 1990 e 2010 direcionaram os discursos dos skinheads fascistas, embora estes não tivessem o vigor de movimentos maiores. Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003) e antes dele, a crise econômica pela qual o Brasil passava gerou o aumento dos fluxos migratórios, sobretudo do Nordeste para a Região Metropolitana de São Paulo.^{XXI} Por outro lado, a partir do governo Lula (2003-2010) o Nordeste observou um crescimento mais efetivo, diminuindo este fluxo para o Sudeste.^{XXII}

Podemos concluir que se o neoliberalismo exacerbado do governo FHC ampliou, ainda que sem querer, o fluxo migratório por conta da crise econômica e os baixos investimentos, a presença mais intensa de nordestinos no Sul e Sudeste, apresentadas historicamente como regiões mais ricas, causou a revolta de grupos fascistas. No

entanto, a ampliação dos investimentos no Nordeste não parece ter cessado a migração, uma vez que algumas das músicas apresentadas neste trabalho foram lançadas durante o governo Lula. De uma forma ou de outra, a direita liberal e a esquerda sofrem críticas dos fascistas desde os anos 1920, quando Mussolini conduziu os primeiros “fascisti” na Itália. Para os fascistas que compõem e ouvem estas músicas, não há solução a não ser o emprego da “justiça com as próprias mãos”, ou da Terceira Via.

Esta Terceira Via seria uma espécie de solução aos dois pensamentos políticos vigentes no Brasil desde o início dos anos 1990, algo que permeia o ideário fascista desde sua gênese. Na busca por edificar uma identidade própria, os skinheads fascistas brasileiros do Sul e Sudeste buscam vínculos fortes com o passado e com um contexto geopolítico diferente, a Europa. Trata-se de mais uma contradição entre movimentos de cunho nacionalista e que, em momentos oportunos, criticam o poder exercido por nações ditas “imperialistas” sobre o Brasil. Ao mesmo tempo, recorrem às suas tradições culturais para encenar um Brasil diferente, moldado aos seus princípios. Esta busca por uma nação homogênea parte de princípios questionáveis, por vezes até mesmo confusos, sobre o que é uma nação e o que é necessário para formá-la. Seja como for, a alteridade é rechaçada com violência.

A abordagem política, embora não cite nome de partidos ou presidentes, é presente e exercida pelas bandas citadas em suas músicas, nos fazendo notar como a questão migratória é central para os debates fascistas no tempo presente. Em cada país, um grupo social diferente recebe críticas intolerantes que visam diferentes aspectos – culturais, políticos, raciais, entre outros. No Brasil, os nordestinos são circunscritos como o “outro conveniente”, embora não sejam os únicos: judeus, homossexuais, migrantes de outras regiões, enfim, há um considerável número de inimigos para os skins brasileiros. Cabe a nós refletirmos se, em meio a tantas contradições, os skinheads fascistas brasileiros, independentemente de qualquer herança direta possível com os europeus, seriam aceitos pelos seus “camaradas” europeus, que costumeira e pejorativamente apelidam os sul-americanos de “sudakas”.

Notas

^I Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (CNPq/UFS). E-mail: pedro@getempo.org.

^{II} Professores e alunos da UFPE pedem segurança – Disponível em Jornal do Comércio Online - <http://www2.uol.com.br/JC/_1999/2408/cd2408f.htm>. Último acesso em 04 de setembro de 2013, às 08h20.

^{III} SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos, Hitler e a sua época: história, personalidade & subjetividade. In: **Seminário Visões do Mundo Contemporâneo: A Segunda Guerra Mundial**. São Cristóvão, 2011, DVD.

^{IV} Casos envolvendo skinheads – Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u9458.shtml>>. Último acesso em 29 de julho de 2013, às 11h45.

^V Neonazista condenado por bomba na parada gay fere 4 no metrô paraíso. Disponível em Estadão.com - <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,neonazista-condenado-por-bomba-na-parada-gay-fere-4-no-metro-paraíso,740268,0.htm>>. Último acesso em 04 de setembro de 2013, às 09h05.

^{VI} COSTA, Márcia Regina da. **Os carecas do subúrbio: Caminhos de um nomadismo moderno**. São Paulo: Musa Editora, 2000.

^{VII} COSTA, 2000. **Op. Cit.**

- ^{VIII} BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 52.
- ^{IX} ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009, p. 311.
- ^X FERRO, Marc. **O século XX explicado aos meus filhos**. Trad. Hortencia Santos Lencastre. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 55.
- ^{XI} GAY, Peter. **O cultivo do ódio**. Trad. Sérgio Flaksman. Companhia das Letras, 1995, p. 76.
- ^{XII} HÉRITIER, Françoise. O eu, o Outro e a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise. **A Intolerância**. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 25.
- ^{XIII} COSTA, 2000. **Op. Cit.**
- ^{XIV} HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- ^{XV} KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 45.
- ^{XVI} HOBBSBAWN, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Trad. Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 186.
- ^{XVII} Advogado diz que iniciaria guerra para separar o Nordeste do Brasil – Disponível em <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/09/advogado-diz-que-iniciaria-guerra-para-separar-nordeste-do-brasil.html>>. Acesso em 25 de setembro de 2013, às 17h30.
- ^{XVIII} QUARESMA, João. Skinhead mata menino para ‘limpar a cidade’. Folha de São Paulo, São Paulo. 20 de abril de 1993, p. 03-10.
- ^{XIX} O'HARA, Craig. **A filosofia do punk: Mais do que barulho**. Trad. Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2005.
- ^{XX} Jovem é condenada por mensagem contra nordestinos no Twitter – Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/05/condenada-estudante-que-publicou-mensagem-contra-nordestinos-em-sp.html>>. Último acesso em 26 de julho de 2013, às 17h20.
- ^{XXI} DEDECCA, C. S.; CUNHA, J. M. P. Migração, trabalho e renda nos anos 90: O caso da Região Metropolitana de São Paulo. In: **Revista Brasileira de Estudos de Populações**. Campinas, v. 21, n. 1, p. 49-66, jan./jun. 2004.
- ^{XXII} SADER, Emir (Org.). **10 anos de governo pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma**. São Paulo: Boitempo, 2013.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.
- BETTING, Mauro; PETILLO, Alexandre. **A Ira de Nasi**. São Paulo: Belas Letras, 2012.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- COSTA, Márcia Regina da. **Os carecas do subúrbio: Caminhos de um nomadismo moderno**. São Paulo: Musa Editora, 2000.
- DEDECCA, C. S.; CUNHA, J. M. P. Migração, trabalho e renda nos anos 90: O caso da Região Metropolitana de São Paulo. In: **Revista Brasileira de Estudos de Populações**. Campinas, v. 21, n. 1, p. 49-66, jan./jun. 2004.
- FERRO, Marc. **O século XX explicado aos meus filhos**. Trad. Hortencia Santos Lencastre. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- GAY, Peter. **O cultivo do ódio**. Trad. Sérgio Flaksman. Companhia das Letras, 1995.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HÉRITIER, Françoise. O eu, o Outro e a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise. **A Intolerância**. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 24-27.
- KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- O'HARA, Craig. **A filosofia do punk**: Mais do que barulho. Trad. Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2005.
- SALAS, Antonio. **Diário de um skin**. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 2003.
- SHEKHOVTSOV, Anton; JACKSON, Paul. **White Power Music**: Scenes of extreme-right cultural resistance. Northampton: RNM Publications, 2012.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos, Hitler e a sua época: história, personalidade & subjetividade. In: **Seminário Visões do Mundo Contemporâneo: A Segunda Guerra Mundial**. São Cristóvão, 2011, DVD.
- SOARES DO BEM, Arim. A insustentável identidade dos skinheads tropicais: uma abordagem sociológica. In: BRITO, A. M. B. et al (Org.). **Educação e identidade negra**. Maceió: Edufal, 2005, p. 100-115.
- SADER, Emir (Org.). **10 anos de governo pós-neoliberais no Brasil**: Lula e Dilma. São Paulo: Boitempo, 2013.